

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

DAIANA DA SILVA AMARAL

**AS PRÁTICAS DE LEITURA DOS ALUNOS-OPERÁRIOS
DO PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO**

JOÃO PESSOA

2011

DAIANA DA SILVA AMARAL

**AS PRÁTICAS DE LEITURA DOS ALUNOS-OPERÁRIOS
DO PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Profa. Ms. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

JOÃO PESSOA

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A837p

Amaral, Daiana da Silva

As práticas de leitura dos alunos-operários do Projeto Escola Zé Peão.
/ Daiana da Silva Amaral. _ João Pessoa, 2011.

46p.

Orientadora: Ms. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal
da Paraíba - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2011.

1. Leitura. 2. EJA. 3. Projeto Escola Zé Peão I. Título.

CDU 342.71-056.262

DAIANA DA SILVA AMARAL

AS PRÁTICAS DE LEITURA DOS ALUNOS-OPERÁRIOS DO PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel.

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Geysa Flávia Câmara Lima do Nascimento – UFPB
Orientadora

Prof.^a Ms. Alba Lígia de Almeida Silva – UFPB
Membro

Prof.^a Ms. Suzana Queiroga – UFPB
Membro

Dedico a minha mãe Marilene
e ao meu irmão Jean Fábio (In memória).

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e por tudo que ele tem me dado inclusive por permitir que eu alcançasse essa conquista em minha vida.

A minha mãe(Marielene) mulher dedicada e esforçada que eu Amo e admiro muito, por seu incentivo e confiança em meus estudos.

A minha tia Nalva que sempre me apoiou.

A Pró-Reitora de Assuntos Comunitários Lúcia Guerra da UFPB por seu apoio e credibilidade em que tive a oportunidade de conhecer a Extensão Universitária e participar dessa ação que aproxima a universidade a comunidade externa.

A minha orientadora Geysa Flávia por sua paciência, contribuições e ensinamentos.

Ao Projeto Escola Zé Peão, por todo o acolhimento e aprendizado, em especial aos coordenadores Ruth Helena, Antonayde e ao professor Lindemberg.

Aos Educadores do Projeto Escola Zé Peão, Ana Paula, Heleny, Iara, Marcos, Miriam e Ozilma, pela colaboração nas entrevistas com os educandos.

As amigas e amigo de curso e pra sempre Dayana Pessoa, Ediene Lima, Edilson Melo, Helloyse Villar e Estela Santos pelo apoio, amizade e carinho.

RESUMO

O estudo tem como objetivo principal analisar as práticas de leituras aplicadas com os alunos do Programa Escola Zé Peão, identificando as dificuldades de leitura dos alunos, bem como verificar a eficácia das práticas de leituras. A metodologia utilizada é de cunho quali-quantitativa, em função das principais características que a definem como uma forma de buscar conhecer o fenômeno no seu contexto. Foi utilizada a técnica da coleta de dados através da entrevista e do questionário. O universo da pesquisa constituiu-se de 27 alunos operários matriculados, sendo que desses apenas 18 atendem ao objetivo dessa pesquisa, pois os demais não possuem o nível de compreensão necessária para desenvolver práticas de leitura. Esta pesquisa mostrou que diante da realidade dos alunos-operários obtivemos um retorno satisfatório no que tange as práticas de leitura realizadas por eles que percebem nela um meio para se obter melhores oportunidades. Porém, apesar de perceptível a valorização da leitura pela maioria dos participantes, apenas palavras de apoio, oferta de suportes à prática de leitura não são suficientes para a construção de hábitos de leitura e para a diminuição das atitudes negativas acerca da leitura

Palavras-chave: Leitura. Práticas de leitura. Alfabetização. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The study's main objective is to analyze the practices applied readings with the students of School Program Ze Peão, identifying the student's reading difficulties, and to verify the effectiveness of reading practice. The methodology used is qualitative and quantitative nature, depending on the main characteristics that define it as a way to get to know the phenomenon in context. Technique was used for data collection through interview and questionnaire. The research sample consisted of 27 students enrolled workers, and of these only 18 meet the intent of this research, because the others do not have the level of understanding needed to develop reading practices. This research showed that given the reality of student-workers obtained a satisfactory return in terms of reading practices carried out by them that they perceive in it a means to better opportunities. However, despite the perceived value of reading by most participants, only words of support, offering support to the practice of reading is not enough to build reading habits and to decrease the negative attitudes about reading.

Keywords: Reading. Reading practices. Literacy. Youth and Adult Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	OBJETIVO GERAL	11
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
2	LEITURA: um processo em construção	12
2.1	LEITURA: atividade cognitiva individual	14
2.2	LEITURA: prática social	16
2.3	DESVENDANDO AS PRÁTICAS DE LEITURA	17
2.4	LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	19
2.5	BIBLIOTECA: instrumento utilizado para estimular a leitura	21
3	TRILHA METODOLÓGICA	25
3.1	O CONTEXTO DA PESQUISA	26
3.2	SUJEITOS DA PESQUISA	27
3.3	INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO	28
4	ANÁLISES DOS DADOS	29
	CONSIDERAÇÕES	37
	REFERÊNCIAS	39
	ANEXO A	42
	ANEXO B	44

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar a respeito da leitura é, por sua vez, um grande desafio, principalmente por causa de sua multiplicidade de sentidos. Eleger uma definição é uma tarefa que demanda reflexão, pois as concepções de leitura variam de acordo com as distintas concepções de texto, de sujeito, de língua(gem) e de sentido, embora nem sempre sejam excludentes. Tomemos, como ponto de partida, uma definição genérica de leitura, de modo a contemplar diferentes vozes presentes nos discursos acerca desse tema. No caso do texto escrito, poderíamos pensá-la, conforme propõe Britto (1999), como ação intelectual, social e cultural, através da qual os sujeitos, em função de conhecimentos prévios, conscientes ou não, processam a informação codificada, negociando com as representações do mundo trazidas nesses textos e mobilizando as informações que constituem sua experiência de vida e aquelas fornecidas pelo autor.

Assim, da definição proposta, apoiando-nos em Corrêa (2006), podemos defender a ideia de que a leitura é negociação entre representações do mundo (e entre os próprios sujeitos). Nessa negociação, o leitor mobiliza os contatos anteriores com práticas de leitura e escrita, mas não limita sua leitura atual a um simples cálculo entre o já conhecido e o que a ele se apresenta como novo. Suas hipóteses sobre o sentido do texto podem ser feitas, portanto, durante o processo de textualização, numa negociação que constitui, necessariamente, uma autoria para o texto.

Dessa forma, o presente estudo, desenvolvido a partir da adoção de uma abordagem qualitativa de orientação etnográfica, examina as práticas de leitura dos alunos-operários do Tijolo sobre Tijolo (TST) que possuem nível mais adiantado de aprendizado do Projeto Escola Zé Peão (PEZP) e suas relações com a trajetória escolar e não escolar vividas por esses sujeitos. O percurso narrativo aqui apresentado busca estabelecer relações entre o processo de investigação e minha própria história. Segundo Peirano (1995), lançar um olhar etnográfico sobre determinado objeto de estudo contribui para o desvelamento de significados que carregam aspectos da história de vida do pesquisador.

Em minha trajetória acadêmica, durante a graduação, tive a oportunidade de trabalhar como bolsista de extensão do Projeto intitulado “Biblioteca Volante: instrumento de lazer, cultura e informação nas salas de aula do Projeto Escola Zé Peão”. Por 7 meses, fui propiciada a participação em diversas discussões sobre leitura e escrita, principalmente, sobre o tema alfabetização, mais precisamente história da alfabetização. A experiência obtida, durante a extensão, permitiu a construção de conhecimentos sobre a elaboração de um projeto de pesquisa e procedimentos de coleta e análise de dados empíricos. Desde então, iniciei a busca por um objeto de estudo que pudesse ser apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFPB e que fosse compatível com os conhecimentos adquiridos no decorrer da graduação e da extensão universitária.

Fiquei bastante surpreendida ao ver o que era, realmente, o meu trabalho e ao conhecer o público que frequentava o Projeto Escola Zé Peão - PEZP. São trabalhadores, que buscam uma oportunidade de estudo depois de uma longa jornada de trabalho, em busca de um sonho abandonado por vários motivos. Segundo Oliveira (1999, p. 59)

Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito freqüentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo.

A esses alunos deve ser oferecido um ensino diferenciado, pois muitos nunca estiveram numa sala de aula pra receber uma educação formal, portanto os professores deverão utilizar uma linguagem diferenciada.

Embora frequentemente constituindo dois subgrupos distintos (o de “jovens” e o de “adultos”), tal grupo se define como relativamente homogêneo ao agregar membros em condição de “não-crianças”, de excluídos da escola, e de pertinentes a parcelas “populares” da população (em oposição às classes médias e aos grupos dominantes), pouco escolarizadas e inseridas no mundo do trabalho em ocupações de baixa qualificação profissional e baixa remuneração (OLIVEIRA, 1999, p. 72).

Todo ser humano é dotado de uma capacidade nata de aprendizagem, interpretação de mundo com suas opiniões e sugestões. O domínio da leitura é preciso para não ficar desinformado. Tomar decisões, formar opiniões, fazer críticas baseado no conhecimento adquirido.

A partir do momento que a pessoa sabe ler e escrever ela tem capacidade para reconhecer a língua e seus vários usos e fazer uso da leitura de acordo com sua necessidade e interesse e, poderá vislumbrar boas expectativas de vida.

Estar inserida nesse contexto de alfabetização possibilitou que eu entendesse a necessidade e a importância de se respeitar a história de vida desses sujeitos, seus saberes, suas lutas e necessidades, também nesse momento. Pois, traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem.

Assim dentro desse contexto, foram delineados os seguintes objetivos para a pesquisa:

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as práticas de leituras aplicadas com os alunos do Programa Escola Zé Peão.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar outras fontes de informação para aplicação das práticas de leitura;
- Identificar as dificuldades de leitura dos alunos;
- Verificar a eficácia das práticas de leituras com os alunos da PEZP;

2 LEITURA: um processo em construção

Diante de uma sociedade letrada e excludente, a leitura é premissa para a inserção do indivíduo no mundo do trabalho e na sociedade. Quem não sabe ler e nem escrever fica excluído do mercado de trabalho, pois não consegue decodificar as palavras, ficando também sem entender seu contexto-sócio-político-cultural por não possuir um grau mínimo de leitura.

O indivíduo para ser considerado alfabetizado precisa ter conhecimento sobre a escrita e compreender a sua utilização. Isso corresponde à capacidade de ler um texto e compreendê-lo. Na aprendizagem da leitura e escrita os alfabetizados utilizam-se das informações as quais foram adquirindo na sua vida. Seus conhecimentos são a chave dos novos conhecimentos que vão produzir no seu processo de alfabetização.

De acordo com Martins (2007) "aprendemos a ler vivendo" e não somente lendo. Essa escritora chama a atenção para as leituras prévias produzidas fora da sala de aula, e que o aluno leva para a escola, mas não são valorizadas. Essas leituras prévias representam a atitude do aluno frente ao mundo e, junto a essas leituras, dar-se-á a compreensão entre o leitor e o texto. Entre o texto e a realidade há sempre a mediação do conhecimento do sujeito-leitor.

Zilberman (1985) afirma que consequências positivas na vida escolar e pessoal do aluno são notadas quando a prática da leitura é consolidada - consequências essas referentes tanto ao domínio cognitivo, quanto às emoções e preferências adquiridas pelo indivíduo durante sua vida. Independente do gênero da leitura praticada, o aluno quando em contato com livros e histórias diversas, tem grandes possibilidades de desenvolver seus sentidos, sua subjetividade, de forma mais aguçada e em sintonia consigo mesmo e o mundo que o rodeia

A leitura preenche uma lacuna existente no ser humano, funciona como alimento para a mente. Necessária no dia a dia das pessoas seu hábito constante possibilita o acúmulo de informações que facilitarão a compreensão de outros textos. Esse

fator é determinante para saber se houve de fato uma compreensão e se o texto trouxe alguma utilidade para o leitor.

A ideia de que a nossa cidadania se faz valer com a prática da leitura permeia as concepções sobre leitura defendidas pelo Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), uma vez que este ressalta a importância dos sujeitos estarem aptos a participar de forma ativa da vida da sociedade na qual está inserido.

Em uma democracia, o exercício da cidadania depende de condições efetivas que permitam às pessoas reconhecer seus direitos e deveres, apreender o conteúdo das leis e contratos, refletir com relativa autonomia e capacidade crítica sobre informações que circulam nos meios de comunicação, e tomar posição em relação aos acontecimentos que afetam suas vidas (BRASIL, 2009, p.8).

É mister frisar a importância da leitura, pois esta “[...] amplia e integra conhecimentos [...], abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando a consciência [...]” (SILVA, 2002, p. 24). Isso comprova que a leitura é de máxima importância na formação tanto do sujeito quanto de um povo, isso não é de difícil compreensão. Ela representa um papel essencial desde quando assume um importante papel no processo de construção do conhecimento, como fonte de informação e formação cultural. Ademais, não inventaram para a mente, ainda, melhor exercício do que ler atentamente e refletir sobre o texto.

Portanto entendemos a leitura, como uma atividade humana, cujas práticas decorrem de condições sociais, históricas e culturais situadas, as quais instituem modos de ler, usos, sentidos e distribuem as condições de acesso aos que podem ser lidos.

Por fim, é importante salientar o Plano Nacional do Livro e Leitura (2006), que estabelece políticas públicas voltadas à leitura e ao livro no Brasil, cuja proposição emerge da consciência de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros a bens, serviços e cultura. Quatro eixos sustentam a proposição dos objetivos enunciados por esse documento como principais: democratização de acesso; fomento à leitura e à

formação de mediadores; valorização do livro e da comunicação; desenvolvimento da economia do livro.

Segundo Amorim (2008)

Esse documento delinea os seguintes princípios norteadores acerca da leitura e escrita: expressões de práticas sociais; elementos fundamentais para a construção da cidadania; produções que devem ser analisadas tendo por foco a diversidade cultural; uma concepção de leitura que ultrapasse o domínio do código da escrita alfabética. A valorização do verbal e do não-verbal, o incremento às tecnologias da informação, a valorização do espaço da biblioteca, enquanto dinamismo cultural, bem como uma atenção especial à literatura, e à EJA, como objetos de especial atenção no que tange às políticas e ações ligadas à leitura, concorrem como objetivos. Considera, ainda, como imperativo: a criação de condições favoráveis para letramento e acesso ao livro por parte de jovens e adultos, que não tiveram acesso aos estudos no ensino fundamental e médio ou sua continuidade.

Em suma, esse documento tem como objetivo geral assegurar e democratizar o acesso à leitura e à escrita, como condições indispensáveis, nos dias atuais, para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades, seja em nível individual, seja no âmbito coletivo, por meio das ações delimitadas pelos quatro eixos citados anteriormente.

2.1 LEITURA: atividade cognitiva individual

Silva (2005), quando define leitura, apresenta-a como um processo complexo, o qual abrange desde a decodificação dos signos linguísticos até a compreensão do mundo. Segundo a autora, a leitura envolve processos mentais, além da memória, da imaginação e da emoção. Diz ainda que envolve elementos linguísticos, mas também os da experiência de vida dos leitores.

Kleiman (1995), por sua vez, focaliza a leitura como um processo psicológico, no qual o leitor faz uso de diferentes estratégias embasadas no conhecimento prévio da

língua e da realidade. A utilização de diversas estratégias exige a mobilização e a integração de diversos tipos de conhecimento, fazendo com que o leitor interaja com o texto através de inferências, analogias, sínteses e análises, entre outras.

Apesar das particularidades de cada um dos conceitos, o ponto comum entre esses autores está na ênfase no conhecimento prévio para a compreensão em leitura. Há autores que abordam outros aspectos, ainda dentro dessa abordagem cognitiva, como, por exemplo, Neves (2000) que se preocupa em diferenciar os tipos de leitura como: direta e indireta, sendo a primeira sem a mediação do oral e a segunda pelo intermédio da oralidade; subdivide a leitura direta em *integral* e *seletiva*, sendo a primeira a leitura aprofundada, analítica enquanto a segunda é uma leitura de busca, de rastreamento da informação. Diz ainda que cada um desses tipos de leitura será selecionado pelo leitor 'adulto', como o próprio autor define, a partir dos objetivos de leitura.

Já Solé (1998) afirma que as habilidades de decodificação e as estratégias de compreensão são elementos indispensáveis para a realização da leitura, pois será a partir desses elementos que o leitor realizará um processo constante de criação e verificação de hipóteses sobre o texto. Ambos os autores trabalham em maior ou menor grau com estratégias de leitura, as quais vão desenvolver-se de acordo com a maturidade do leitor.

Smith (1991), por sua vez, seguindo também a linha cognitiva, preocupa-se com elementos fisiológicos da leitura, como os movimentos dos olhos, e elementos cognitivos, como a memória. Destaca a interferência da oralidade na leitura fluente, mas seu foco é a leitura significativa, ou seja, o leitor deve perceber a relevância daquele texto que está lendo, não apenas de forma racional, mas de forma afetiva, principalmente quando se busca a formação do leitor. Smith (1991) aborda uma questão extremamente relevante para a formação do leitor que é a idéia de significação da leitura, ou seja, do vínculo entre leitor e texto. Sem a criação desse vínculo, não há como formar um leitor, afinal o ser humano somente vincula-se àquilo que é relevante para ele, àquilo que suprirá suas necessidades e expectativas.

2.2 LEITURA: prática social

Quando o leitor consegue não apenas compreender as idéias centrais propostas pelo texto, mas, principalmente, perceber o texto como uma forma de subversão (ou sub-versão) da realidade, está atingindo um dos pontos altos da leitura. Nesse sentido, o texto se torna um aliado do leitor porque permite o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia, pois capacita o leitor a 'ler' a realidade na qual está inserido e a transformá-la, não tomando como 'bom' e 'certo' tudo o que lhe é proposto. Tendo o texto como um parceiro (e não como um obstáculo), o leitor torna-se um cidadão atuante e liberto, de acordo com Freire (2006).

Dentro dessa perspectiva, surgem alguns autores como Foucambert (1994), o qual afirma que o ato de ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo. Para ele, a leitura não passa pela decodificação dos signos, ela já nasce com outra natureza, com outro objetivo, o de refletir sobre o mundo para poder agir e interagir com ele.

Chartier (2001) também percebe a leitura através desse prisma, afirmando que ler é "constituir e não reconstituir um sentido" (CHARTIER, 2001, p.107). Ler, para o autor, é dar um sentido global ao texto, é reunir diferentes elementos intra e extratextuais, é fazer relações entre o que se lê e o que se vive.

Já Silva (2008) vê a leitura como um ato libertador e argumenta que uma sociedade que consegue expor seus anseios e reivindicar seus direitos é menos influenciável, mas, segundo ele, esse tipo de sociedade livre porque leitora nunca interessou aos governantes, os quais sempre preferiram escolher e tomar as decisões pelo povo. Através disso, talvez se explique o pouco interesse do governo em promover campanhas de incentivo à leitura nas escolas e na sociedade de um modo geral.

Freire (2006) sintetiza as concepções expostas afirmando que "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele" (FREIRE, 2006, p.20). A leitura é entendida como uma forma não apenas de compreensão do mundo mas também de transformação, de reescrita da

realidade, através de práticas conscientes.

Portanto, o conceito de leitura adotado para este estudo considera os conceitos expostos, apresentando a leitura como um processo gradativo que passa pela decodificação de signos, na fase inicial, para depois, juntamente com o conhecimento prévio do leitor, compreender o texto que se está lendo, considerando também seu contexto de produção, sendo esta etapa já de interpretação do texto, para, por fim, ocorrer a interação entre texto-leitor-realidade a fim de questioná-la e transformá-la. Ou seja, a leitura é compreendida sim como um processo individual, mas que constitui-se num processo de aprimoramento de cada indivíduo e também de suas relações com o grupo social, suas ações e práticas sociais, desvendando e buscando compreender os entrelaçamentos e a complexidade da sociedade, criticando-a e transformando-a.

2.3 DESVENDANDO AS PRÁTICAS DE LEITURA

Não é exagero dizer que o ato de ler tem muitas faces. Lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas; lê-se para saber mais sobre o universo factual; lê-se em busca de diversão e de descontração e, por meio da literatura de ficção da poesia, lê-se para chegar ao “prazer do texto”. Prazer que resulta de um trabalho intelectual intenso, de um corpo-a-corpo, em diferentes níveis, que se instaura entre o leitor e sua experiência prévia do mundo e o autor e seu texto de arte.

São muitos os gestos de leitura e diferentes os textos que circulam nas instituições e grupos sociais. Obras teóricas, menos e mais complexas, juntam-se, em estantes de residências até em bibliotecas escolares, a manuais didáticos. Textos literários refinados convivem com escritas voltadas ao puro entretenimento, versões simplificadas de obras clássicas, dividem espaço com os originais que lhe deram vida. Além de revistas, quadrinhos e jornais, os textos que aparecem na mídia eletrônica estreitam mais e mais seus laços com produtos tradicionais. Diante de tal visão caleidoscópica, é preciso administrar diferenças e proceder a escolhas cuidadosas para orientar as múltiplas leituras possíveis (ROCCO,2003).

Entendendo por leitura um conjunto de práticas culturais, podemos compreender que cada leitura tem finalidades, motivos e ou objetivos diferentes. O leitor ao ler um texto o faz de forma que o mesmo o beneficie de alguma forma.

As pessoas leem de acordo com seus interesses sejam pessoais, profissionais ou para diversos fins como lazer, para se informar mais sobre determinados assuntos ou conhecer, se comunicar melhor, adquirir um emprego melhor, enfim a leitura poder ser usada da maneira que melhor convier o sujeito, lembrando que sua prática sempre o acrescentará um diferencial.

A partir do diálogo que o sujeito leitor estabelece com os textos, na medida em que vai se apropriando de forma significativa do ato de ler, práticas de leitura são desenvolvidas e o leitor acaba por adquirir diferentes tipos de relações com o texto. Geraldi (1984) explica que é durante o processo de aprendizado da leitura que o indivíduo estabelece a partir de suas experiências concretas como leitor, relações com o texto consideradas aqui pelo autor como, posturas que vão corresponder às aspirações do leitor diante de um texto ou outro.

A bagagem informacional é a reunião de todas as leituras realizadas pelo leitor e que lhe trouxeram algum conhecimento. Constituída ao longo dos anos ela será referência do que o leitor conhece. Não basta apenas ler, faz-se necessário que se compreenda o sentido do texto o que o autor quis dizer para a partir de então o sujeito construir sua opinião.

O hábito de ler permite ao indivíduo crescimento cultural quando o dota de saberes diversos que o ajuda a compreender a realidade que vive e que o ajuda a resolver questões em seu dia a dia o instigando a criar e recriar realidades. “[...] o homem antes de contextualizar a prática da leitura com o seu cotidiano, deve discutir, contestar ou aceitar para daí então construir o seu pensamento próprio”. (ALBUQUERQUE, 2007, p.14). Logo, a prática da leitura forma um indivíduo crítico, conhecedor de seus direitos e deveres assim como o torna capaz de criar suas concepções acerca de seu contexto social.

Segundo Geraldi (1984) de forma geral, podemos dividir as práticas de leitura em recreativa e informativa. Na prática de leitura recreativa englobamos duas posturas:

Fruição do texto: Caracterizada pela gratuidade da leitura, quando o leitor se faz valer de leituras de textos literários ou de fontes que lhe forneçam informações. Pelo prazer de se manter informado, o sujeito pratica a leitura de jornais, revistas, livros preferidos, etc.

Texto como pretexto: Quando o texto é utilizado como ponto de partida para a realização de uma outra atividade. Em geral atividades criativas que recriem a escrita antes estática, contribuindo para um movimento chamado pelo autor de “dessacralização do texto”.

E na prática de leitura informativa destaca-se:

Busca de informação: Esta postura tem como finalidade extrair do texto informações. O leitor que precise responder a questionários ou encontrar no texto as informações que nele estejam contidas, sem roteiro prévio, recorre a este tipo de interlocução com o texto.

Estudo do texto: Mais comum nas aulas de outras disciplinas do que na aula de língua portuguesa, encontra no texto, através de um roteiro específico, a tese defendida pelo autor, os argumentos a favor e os contra. Este tipo de interlocução pode ser aplicado tanto ao texto dissertativo quanto ao texto narrativo.

2.4 LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A leitura que se pesquisou dos alunos-operários do PEZP é entendida, por este trabalho monográfico, com base em Vóvio (2007), Foucambert (1994), Kleiman (1995) e Freire (2006) como práticas de leitura no plural. São práticas que ultrapassam os limites da decodificação dos signos gráficos e se estendem no decorrer de toda a vida dos indivíduos.

A leitura como prática plural “tem o potencial de fazer emergir uma variedade de práticas e um número surpreendente de vozes e discursos apagados ou não reconhecidos por aqueles que acreditam que a leitura é um ato invariável e único” (VÓVIO, 2007, p. 2). Ao contrário, a leitura como prática individual, termo tradicionalmente utilizado, considera essa prática uma técnica individualmente adquirida sem ter relação com o contexto, o período e o grupo social (KLEIMAN, 2004). Contrariamente a essa concepção, a leitura como prática plural ressalta os diferentes objetivos, os vários modos de ler e os diversificados comportamentos atribuídos ao leitor. O leitor deixa de ser um leitor idealizado e se transforma em leitor real, pois todos os tipos de leitura são válidos e relacionados aos diferentes eventos de letramento.

Assim como a história da leitura, a educação de jovens e adultos também foi marcada por avanços e retrocessos, em que se efetivava a partir de campanhas e programas, tendo um caráter assistencialista e com período determinado para início e término de sua ação, em que a preocupação era alfabetizar os sujeitos, ensinando-os a ler e escrever o nome, tendo como base o sistema de código alfabético. De acordo com Silva (2008, p. 62)

É importante frisar que desde as primeiras iniciativas de classes noturnas voltadas para a alfabetização de adultos no Brasil, o ensino da nossa língua foi sempre direcionado para aquisição de um sistema de código alfabético, tendo como objetivo maior instrumentalizar os alunos adultos para os rudimentos da leitura e da escrita. Ser alfabetizado significava, apenas, dominar a escrita do próprio nome. Era uma prática semelhante às desenvolvidas com crianças utilizando cartilhas infantis.

Desta forma, como conceber a leitura enquanto prática de libertação e emancipação dos sujeitos em uma proposta de alfabetização que priorizava a transposição do ensino de crianças para adultos?

A partir de 1958, com os estudos freireanos, surge uma nova perspectiva de alfabetização para adultos, em que se priorizava o conhecimento de mundo, a realidade existencial e o diálogo. Nesse sentido, “[...] ser alfabetizado era tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la” (SOLÉ, 1998, p.27).

Percebemos a leitura e, conseqüentemente, a escrita como atividades criativas e dinâmicas, em que há a interlocução do diálogo, possibilitando a compreensão. Logo, o leitor cria significação e estabelece interação com o autor, mediado pelo texto – produto desta interação.

Nessa perspectiva o processo de alfabetização dos sujeitos dessa pesquisa deve se organizar a partir desse universo, desse mundo em que os alfabetizados estão inseridos, em que expressam sua linguagem, sua cultura, seu conhecimento, sua leitura, suas reivindicações, seus sonhos e desejos.

Através dessa leitura crítica do mundo é que acreditamos que teremos uma educação pautada na prática da liberdade, baseada no diálogo, que possibilita a construção de significados e relações, favorecendo as camadas populares e a consciência crítica desses sujeitos, de modo especial os alunos-operários do Projeto Escola Zé Peão. Daí a importância do ato de ler, não apenas as palavras, mas o mundo.

2.5 BIBLIOTECA: instrumento utilizado para estimular a leitura

Da Idade Antiga ao Período Renascentista (meados séc. XVII a séc. XVIII) as bibliotecas não estavam disponíveis para o público, até porque elas eram consideradas organismos sagrado, ou pelo menos, religioso e que tinham acesso apenas aqueles que pertenciam a uma certa ordem religiosa (MARTINS, 1996). A primeira concepção que se tinha de biblioteca, na essência da palavra é que ela era um depósito de livro, ou lugar onde se esconde o livro, pois não havia nenhuma intenção de deixá-lo circular, e até mesmo o local onde ele ficava era de difícil acesso, como a biblioteca de Nínive, que nem saída para o exterior tinha, apenas para o interior onde permaneciam os sacerdotes, da mesma forma as bibliotecas medievais que se localizavam no interior dos conventos, lugares não acessíveis ao leitor comum, figura inexistente desde a Antiguidade à Idade Média foram lentos e nem todos os senhores medievais sabiam ler e escrever. Os mosteiros e os

conventos eram conhecidos também por bibliotecas. Elas eram consideradas como jóias dos conventos.

O clérigo foi durante milênios, não somente o homem que pertencia a classe sacerdotal, mas também o letrado que sabia ler e escrever, haviam os “clérigos” e “laicos” os que sabiam escrever e os que não sabiam. Do período renascentista até meados do século XIX, a biblioteca era controlada pelos eruditos, pessoas que possuíam vasto conhecimento em muitas áreas do conhecimento. Entre as bibliotecas da Antiguidade, as mais importantes foram as do Egito, dentre a mais famosa foi a de Alexandria, que reuniu mais de setecentos mil volumes. E foi incendiada três vezes o que ocasionou perda de muitas obras. As primeiras bibliotecas tinham seu acervo com livros em formato de papiro com rolos e mais rolos e posteriormente com a imprensa de Gutemberg surgiu o livro impresso.

As primeiras bibliotecas surgiram com a finalidade de atender as exigências da igreja e da elite grupos minoritários que determinavam as ordens para a população. Inicialmente surgem as **Bibliotecas Privadas**, que se caracterizam por possuir acervo limitado, geralmente com livros voltados para o interesse da igreja ou pessoas particulares e por isso nem todos podiam fazer uso. As bibliotecas privadas elas podem atender ao interesse de uma pessoa, órgão ou instituição.

Posteriormente surgiram as **Bibliotecas Públicas** e ainda não estavam disponibilizadas para o acesso de todos, apenas para um grupo restrito e que não tinham livre acesso as estantes, apenas os *bibliotecários* ou os *clérigos* que pegavam a obra solicitada e a entregava ao usuário.

Com a descoberta da imprensa por Johannes Gesnfliseh Zur Laden Zum Gutenberg teve início a produção em série de livros disseminando o conhecimento e tornando público seu uso. Isso fez com que aqueles que possuíam baixo poder aquisitivo tivessem também acesso ao conhecimento e se informassem, privilégio antes da elite burguesa e da igreja que monopolizavam o saber e não tinham o menor interesse que as pessoas se informassem para que aceitassem suas determinações.

O aparecimento das universidades fez aumentar o número de produções textuais e a partir daí surgem as *bibliotecas modernas* (fim do século XVI) com a finalidade de fornecer para os alunos os livros de subsídio para os cursos. A biblioteca é um espaço de informação e de cultura que abrange todo conhecimento registrado. Ela pode ser também um espaço dinâmico de aprendizado sem aquela restrição encarada como chata por muitos usuários em que a biblioteca é lugar de silêncio. Ela é lugar também para discussões e debates entre seus usuários, instiga o desenvolvimento crítico dos leitores. Para Milanesi (1998, p. 49) a biblioteca: É “um conjunto de discursos [...] milhares de aulas impressas, das quais os alunos aproximaram-se sem imposições e bloqueios [...] é mais do que livros, é informação”.

Já no século XX surgem as bibliotecas contemporâneas que não existe fronteira, dividindo-se em digitais que tem documento o impresso, tipo um jornal escaneado que é salvo em meio virtual e as bibliotecas virtuais que tem todo o seu acervo criado e propagado pela internet.

As bibliotecas são conhecidas como centro difusor do conhecimento, tendo como referência a Biblioteca de Alexandria que possuía um rico acervo com assuntos das diversas áreas do conhecimento em que frequentavam grandes estudiosos e pesquisadores.

Freire (1999) diz: “[...] a finalidade da biblioteca é atingir as pessoas através de livros e outros materiais bibliográficos, proporcionando-lhes condições de encontrar informação, aprimoramento e lazer.”

Nessa dimensão a biblioteca tem a capacidade de alcançar muitos usuários com os materiais informacionais que dispõe, e até mesmo procurá-los diante da necessidade que surgir levando a informação até eles, que por algum motivo não a procuram.

Sendo a biblioteca um espaço de memória que resguarda a cultura de um povo de um país e também detentora do conhecimento, a biblioteca física muitas vezes não atinge seu público-alvo devido localização, questões financeiras, falta de tempo

dentre outros motivos, na intenção de fazer com que esse leitor também tenha acesso a informação, a biblioteca vai ao seu encontro disponibilizando livros dentre outros materiais informacionais que ele se interesse em ler, essa é a **biblioteca volante** que pode ser chamada também de *circulante*, *comunitária* ou ainda *ambulante*, caracterizada por Freire, (1999):

[...] a finalidade da biblioteca é atingir as pessoas através de livros e outros materiais bibliográficos, proporcionando-lhes condições de encontrar informação, aprimoramento e lazer. Atingir pessoas - o maior número de pessoas que estiver ao seu alcance. Não apenas esperar que as pessoas a procurem, mas ir ao encontro delas, tirar a biblioteca acervo de dentro da biblioteca prédio, levando-a até aqueles que por desconhecimento, desinteresse, impedimentos por problema de distância, falta de tempo, reclusão, saúde e, todo um contexto sócio-político-cultural que as impedem de ir ao encontro do livro.

Muitas pessoas não frequentam uma biblioteca tradicional por algum motivo que as impedem de visitá-la, nesse contexto surge a biblioteca volante que possibilita a certos grupos acesso a informações que eles não teriam, indo até o leitor permitindo que ele tenha contato com livros, jornais, revistas, almanaques, livretos, panfletos, e a outras formas da produção escrita.

Destacamos aqui as práticas de leitura desenvolvidas pelo projeto Biblioteca Volante com os alunos-operários do Projeto Escola Zé Peão:

1) Promoção de palestras sobre temas relacionados aos conteúdos ensinados em sala de aula

Nessa atividade são apresentados temas e lançadas perguntas para saber se os alunos-operários compreenderam o conteúdo transmitido;

2) Visitação a bibliotecas e/ou centros culturais

Aqui são feitas visitas a algumas bibliotecas mostrando aos alunos alguns tipos de bibliotecas com seus diversos gêneros literários, materiais informacionais e serviços que ela oferece;

3) Concursos literários com produções dos alunos;

Para os alunos que elaboram as melhores produções textuais são entregues premiações como forma de incentivo para que continuem essa prática;

4) Sessão de trabalho sobre? O que fazer com um livro?;

Esses trabalhos envolvem perguntas e interpretações acerca do que trata determinado livro;

5) Mostrar, deixar manipular e observar livros, sem constrangimentos de qualquer espécie, deixando que os alunos se guiem pelos seus próprios gostos e interesses

Os alunos têm liberdade para conhecer alguns livros, folhear e levar o que lhe interessar;

6) Dia ou a hora do conto ou da poesia;

Momento em que são lidas poesias ou contos e em seguida é discutido juntamente com os alunos a mensagem central ;

7) Empréstimos do material bibliográfico das caixas-estante

Essa atividade leva até os alunos materiais informacionais permitindo que ele escolha o que deseja levar pra casa possibilitando assim que ele tenha acesso a diversas fontes informacionais;

8) Contação de estórias e histórias nos canteiros de obras

Prática que envolve momento de interação entre educadores, alunos de Biblioteconomia e os alunos-operários proporcionando conhecimento e descontração após um dia cansativo de trabalho.

Acreditamos mesmo em meio a dificuldades que os alunos-operários enfrentam diante de sua evolução gradativa do ato de ler, pouco tempo livre que dispõem, estruturas insuficientes nos canteiros ainda sim eles veem a leitura como meio de crescimento pessoal e profissional e a fazem na perspectiva de aumentar seus saberes. As práticas de leitura amplia o conhecimento do indivíduo além de facilitar a compreensão de seu dia a dia.

3 TRILHA METODOLÓGICA

Para a realização da investigação, optamos pela abordagem qualitativa, que enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Segundo Ludke e André (2004) nesse tipo de investigação supõe-se o contato direto e prolongado do pesquisador com a realidade a ser investigada, através do trabalho intensivo de campo.

Nesta perspectiva, “analisar os dados qualitativos significa ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevistas, as análises dos documentos e as demais informações disponíveis” (LUDKE; ANDRÉ, 2004, p. 45). Isso nos mostra que a pesquisa qualitativa também envolve a obtenção de dados descritivos obtidos no contato direto do pesquisador com a situação pesquisada.

A abordagem aplicada é de cunho quali-quantitativa, em função das principais características que a definem como uma forma de buscar conhecer o fenômeno no seu contexto; considerar e valorizar a interação entre pesquisador e objeto de estudo; coletar dados descritivos a partir de observações, entrevistas, depoimentos, materiais produzidos e outras documentações existentes; preocupar-se constantemente com a compreensão do significado, incluindo a interpretação que o próprio sujeito faz sobre o assunto; reconhecer o instrumento humano como mediador dos dados. Além de mensurar o grau de concordância e/ou discordância dos sujeitos que responderam os questionários.

Quanto aos objetivos propostos, esta pesquisa se caracteriza como exploratória cuja finalidade consiste em “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (SEVERINO, 2007. p. 123).

3.1 O CONTEXTO DA PESQUISA

O Programa Escola Zé Peão teve início em 1991, por iniciativa do SINTRICOM (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil e do Mobiliário) que convidou a UFPB e pediu para ela que desenvolvesse um projeto de alfabetização para os trabalhadores com o intuito de proporcionar aos mesmos um ensino sistematizado e com isso possibilitar-lhes a compreensão de assuntos pertinentes ao seu trabalho e outros de cunho pessoal contribuindo assim para sua formação enquanto cidadão.

A partir dessa iniciativa foi estabelecida uma parceria entre a UFPB e o SINTRICOM que perdura até hoje e que vem alcançando bons resultados na perspectiva de formar e tornar operários esclarecidos, capazes de saber de seus direitos e não serem enganados. Além da intenção formativa o projeto, ele contribui sem dúvida, para uma sociedade menos excludente permitindo um direito que é para todos os cidadãos.

As aulas são lecionadas nos próprios canteiros de obras e conta com duas turmas: Alfabetização na Primeira Laje (APL), para alunos-operários que possuem nenhum domínio da leitura e da escrita; e Tijolo sobre Tijolo (TST), para os alunos-operários que já possuem algum domínio da lecto-escrita.

A decisão de levar as salas de aula para o canteiro de obras tem sido, para o Projeto, uma marca importante da escola. Julgamos que assim facilitamos a participação do operário. Porém, reconhecemos que este espaço ocupado pela escola não é isento de contradições:

A sala ocupa um espaço à noite depois das atividades produtivas terem terminado, mas o espaço da obra, por mais que o enfeitemos com cartazes, mapas, desenhos dos alunos e outros materiais pedagógicos, ainda é um espaço regido por regras impostas pelas relações sociais de produção (IRELAND, 1996).

O Projeto Escola Zé Peão tem dedicado especial atenção à questão de materiais didático-pedagógicos adequados ao trabalho educativo com jovens e adultos, criando e elaborando os seus próprios materiais e pesquisando e avaliando materiais produzidos por outras instituições e organizações preocupadas com a educação básica de jovens e adultos trabalhadores.

Assim, a Escola utiliza recursos didáticos desenvolvidos pela coordenação e professores do próprio Projeto e incorpora materiais elaborados por outros projetos e grupos no cotidiano de sua prática pedagógica, sempre com o intuito de proporcionar uma educação de qualidade aos alunos-operários que freqüentam a Escola.

Com o objetivo de incentivar a leitura e proporcionar aos alunos um contato maior com a escrita, o Projeto também dispõe de uma biblioteca volante que coloca à disposição dos alunos-operários um variado acervo, reunindo obras de literatura, história, geografia, política, economia, etc. no intuito de possibilitar o contato do alfabetizando com a informação, buscando despertar no aluno a curiosidade e motivação pelo suporte bibliográfica. A biblioteca conta com um acervo de aproximadamente 300 volumes, além de outras fontes de informação como: jornais, revistas, folhetos etc. selecionados de acordo com as necessidades e o nível dos alunos, criando uma política própria e específica para o desenvolvimento da coleção. Compõem ainda a biblioteca duas caixas-estante que servem de suporte físico para a guarda e acondicionamento do material bibliográfico e não bibliográfico.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

O universo da pesquisa constituiu-se de alunos-operários dos canteiros de obras do Programa Escola Zé Peão que possuem mais domínio da leitura e da escrita (TST), que é de totalidade do gênero masculino com faixa etária que varia de 20 a 60 anos. O total de alunos dos 09 (nove) canteiros perfaz o total 27 alunos operários matriculados, sendo que desses apenas 18 atendem ao objetivo dessa pesquisa,

pois os demais não possuem o nível de compreensão necessária para desenvolver práticas de leitura.

3.3 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Optou-se por utilizar enquanto técnica de abordagem, a entrevista semi-estruturada aberta e o questionário.

Na entrevista semi-estruturada pode acontecer à inserção de outras/novas perguntas a depender das respostas que são dadas pelo entrevistado que podem proporcionar melhor interpretação dos dados pelo pesquisador.

A entrevista, segundo Christians (2006), é definida como a forma mais comum de coleta de dados primários, ou seja, dados colhidos pela primeira vez.

O alvo de qualquer entrevista na pesquisa qualitativa é verificar o assunto em questão sobre o ponto de vista do entrevistado. Conclui-se então que as entrevistas são umas das ferramentas primordiais da pesquisa qualitativa, com base nas teorias que justificam.

Com relação às vantagens da utilização do questionário, os autores listam as seguintes:

- Método rápido em termos de tempo, uma vez que pode estipular uma data para a sua devolução.
- Baixo custo.
- Atinge uma grande população dispersa numa região geográfica.
- Possibilita maior grau de liberdade e tempo ao respondente (BAPTISTA e CUNHA, 2007, p.178).

As entrevistas e a aplicação dos questionários foram realizados durante o mês de novembro com os alunos (TST) por possuírem maior domínio na lecto-escrita, nos canteiros de obras no horário das aulas do PEZP que ocorrem de segunda à quinta feira, depois do segundo turno de trabalho, das 19:00 às 21:00 horas.

4 ANÁLISES DOS DADOS

Em 2011, o ano letivo começou com 16 salas de aulas instaladas nos canteiros de obras na cidade de João Pessoa, solicitadas pelas empresas registradas no **SINTRICOM** (Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e do Mobiliário), perfazendo um total de 78 alunos-operários matriculados. No decorrer dos meses, a evasão assolou as salas de aulas e restaram 9 canteiros com 27 alunos-operários frequentando as aulas assiduamente.

Para preservar o anonimato dos entrevistados estes foram identificados apenas pela vogal 'A' e números. Este cuidado ajuda o processo de interpretação e análise dos dados.

Quanto ao questionário, foi perguntado inicialmente ao aluno-operário como ele obtém informação e do universo de 18 (dezoito) alunos-operários, 10 (dez) disseram obter exclusivamente através do jornal televisivo, 02 (dois) internet e jornais televisivo simultaneamente, 01 (um) através da internet e rádio (CBN), 01(um) internet jornal televisivo e impresso, 01 (um) revistas jornais impresso televisivo, 03 (três) jornal impresso e televisivo.

Diante dessa realidade podemos observar que os alunos-operários se informam em sua maioria através do jornal televisivo, pelo seu fácil modo de transmissão e retenção de informação. Visto que os alunos da pesquisa não dispõem de muito tempo para manter-se informado através das informações impressas, os jornais televisivos nesse aspecto contribuem bastante para manter atualizadas pessoas nessa mesma situação.

Perguntados sobre a quantidade de livros que possuem em casa 04 (quatro) responderam que não possui nenhum livro, 11(onze) possuem de 01(um) a 10(dez) livros, 01(um) de 11(onze) a 20 (vinte) livros, nenhum respondeu de 21(vinte um) a 50(cinquenta) livros e 02 (dois) acima de 50(cinquenta) livros.

O número de alunos que possuem livros em casa supera os que não possuem, com isso percebemos que de alguma forma dão certa importância para os livros. Nessa percepção observa-se que eles veem a leitura como melhoria de vida.

Em relação a frequência com que lêem 06 (seis) disseram ler todos todos os dias, 06 (seis) disseram ler uma vez por semana, 02 (dois) leem duas vezes, 04 (quatro) raramente leem e nenhum respondeu que nunca ler.

A leitura frequente é muito importante, principalmente para os alunos dessa pesquisa que estão nos passos iniciais da aprendizagem. Ela proporciona ao indivíduo habilidade na dicção e facilita no processo de comunicação, pois o contato constante com os livros exercita a mente e raciocínio rápido para resolver situações.

Indagados se compram livros, em geral 01 (um) responde que compra cordéis, 01 (um) só compra para os filhos e 01 (um) que compra, mas que raramente. 97% respondeu que não possuem o hábito de comprar livros.

Esse fato se caracteriza por esse grupo possuir baixo nível de escolarização, por não ter frequentado uma escola regular, não ter tido incentivo dos familiares e por isso não reconhecem a importância desse hábito, e no entanto não despertaram para essa prática porque não foram instigados.

Perguntados sobre onde gostam de ler: 05 (cinco) disseram gostar de ler na sala de aula, 06 (seis) em casa, 03 (três) em casa e na sala de aula, 01 (um) na rua, 01 (um) na empresa, 01 (um) em casa e na rua, 01 (um) em casa, na empresa, na sala de aula e na rua.

A opção por ler em sala de aula se deu pelo incentivo que os alunos-operários têm das educadoras e é mais comum lerem já que estão em ambiente estimulador. Os que se disseram ler em casa optaram por não ter muito barulho. A leitura requer silêncio o que não há nos canteiros de obras onde há muito barulho de máquinas e operários falando então fica difícil para lerem nesse local. E os três alternam entre

ler em casa e no trabalho sempre que podem, demonstrando com isso uma maior frequência no hábito de ler.

E sobre a preferência de gêneros literários dentre as opções: romance, contos, cordéis, política, esporte e outros, tivemos a seguinte configuração: 03 (três) gostam de romance, 02 (dois) esporte, 01 (um) esporte e assuntos de maneira geral, 01 (um) poesia, 01 (um) poesia e educação, 01 (um) cordel, 01 (um) cordel e romance, 03 (três) história em geral, 01 (um) romance, poesia, política e assuntos de maneira em geral, 01 (um) poesia, esporte e assuntos de maneira geral, 01 (um) romance e assuntos de maneira geral, 01 (um) romance, poesia, política e esporte, 01 (um) romance, contos, poesia, esporte e cordel.

Dentre os tipos de leitura preferida pelos sujeitos dessa pesquisa, notamos o romance que está na maioria das repostas dos alunos. Os alunos-operários gostam mais desse gênero textual por expressar sentimentos, emoções e as histórias românticas que tanto captam a atenção desses sujeitos.

Esporte por ser uma preferência no grupo masculino, não teve grande destaque nessa população que não tem muito interesse por esse assunto.

O cordel por abordar os textos de maneira cômica e ao mesmo tempo informativa, desperta muito interesse dos trabalhadores que após dia cansativo de trabalho pode encontrar na leitura um momento de distração e informação.

No segundo momento da pesquisa foi feita a entrevista que teve a preocupação de saber a importância que os alunos-operários atribuem a leitura, aqui elencamos as algumas falas.

Por que acha que a leitura lhe ajuda na escola e no trabalho?

A3 - “Fazer assinatura e ler os informes”.

Com a leitura esse aluno passou a assinar seu nome e agora consegue ler os informes transmitidos pela empresa algo que sem a leitura ele não fazia. É muito importante saber escrever o nome sem precisar colocar o dedo, não ficamos se tão envergonhado.

A4 – “Quanto mais lê mais aprende, quanto mais lê aprimora a leitura”.

Esse aluno-operário reconhece que quanto mais lê melhor aperfeiçoa sua fala e adquire novos saberes.

A8 – “Ajuda a decifrar palavras e adjetivos, na matemática, nos projetos e nas viagens”.

A leitura permite conhecer novas palavras e saber o que diz os projetos da empresa e suas determinações. Nas viagens a leitura ajuda a saber o nome dos ônibus. Assim não há a dependência de ficar esperando pelas pessoas para lerem pra eles.

A13 – “Ajuda em tudo, no trabalho pra ler os projetos e mudar de emprego ela contribui para o crescimento da pessoa”.

Esse aluno percebe que com a leitura é importante para todos os segmentos da vida, e inclusive pra conseguir melhor trabalho. Sua fala deixa claro também que quem possui um nível maior de leitura tem a possibilidade de progredir na vida. Conhecer mais assuntos.

A15 – “Porque no trabalho a empresa pede pra preencher fichas e se não souber ela não ler e escrever ela não aceita, é importante também pra ler endereço e pegar ônibus”.

As mencionadas fichas possuem a descrição dos materiais existentes na empresa, então para pegar o material tem que discriminar e pra dá baixa também para que haja um controle, por isso há exigência de funcionários que possuam certo grau de

leitura. Esse aluno-operário também ressaltou a importância da leitura para saber pegar ônibus.

A18 – “Ajuda por ficar mais desenvolvido pode ficar sabendo das coisas”.

O entrevistado percebe que a prática da leitura traz novos conhecimentos contribuindo para o seu desenvolvimento intelectual. Quanto às práticas de leitura Aquino (2000, p.38) ressalva: “A prática da leitura forma um indivíduo crítico, conhecedor de seus direitos e deveres assim como o torna capaz de criar suas concepções acerca de seu contexto social”.

O que a leitura lhe traz?

A1 – “Felicidade e maior reconhecimento”.

Por poder identificar as palavras em que se depara ler textos e saber que há uma maior valorização das pessoas ao perceber que se enquadra na categoria dos que sabem ler.

A5 – “Aprendi a escrever e ler informações no cotidiano”.

Sabendo ler e escrever ele reconhece as informações que estão ao seu redor e consegue identificar o que elas querem dizer.

A7 – “Traz conhecimento, desenvolvimento e felicidade”.

A leitura informa e forma o indivíduo no momento em que o forma ela lhe atribui um saber específico, ou geral, seja de interesse do leitor ou que ele precise para determinado fim. Ele se desenvolve, pois a medida que vai avançando nas leituras, seus conhecimentos são ampliados, oportunizando ao indivíduo fazer importantes escolhas de acordo com o que desejar.

A8 – “Sabedoria, importância na vida de cada um”.

Observamos na opinião desse aluno-operário a leitura permite a obtenção de conhecimento, o que de fato só é alcançado através dela, não há outro caminho a ser esse que o indivíduo adquira o saber.

A9 – “Conhecimento e desenvolvimento e pra saber das coisas tem que ler todos os dias”.

Aqui esse aluno reconhece que sabendo ler ele tem a oportunidade de novos aprendizados e que esse ato deve diário, pois todos os dias sempre há algo de novo que devemos saber.

A12 – “Conhecimento, quando não se sabe ler não se enxerga, e quando se ler enxerga outro mundo outra realidade, assuntos novos, novos conhecimentos”.

As palavras desse aluno nos remetem ao mundo das descobertas, quando não se sabe ler, é como se a pessoa não enxergasse, e a partir do momento que se aprende é como se tudo fosse novo, e se começa a fazer parte do mundo das palavras antes desconhecido.

A16 – “Conhecimento ler as placas sem depender de ninguém a leitura te torna independente”.

Quem não sabe ler fica dependendo dos outros para que leiam algo que se deseja. E quem sabe tem a liberdade para ler o que quiser e precisar, pois o saber ler proporciona essa independência ao indivíduo de se inteirar do assunto que lhe convier.

Porque é importante saber ler?

A4 – “Ajuda pra ter um melhor cargo no trabalho, saber fazer contas e ter melhor entendimento de mundo”.

Os trabalhos dos alunos sujeitos dessa pesquisa exigem mais força física do que expansivo grau de leitura, muitos deles estão nessa profissão por possuir um baixo nível de leitura o que os impede de conseguir um trabalho melhor, diante dessa realidade eles percebem que a leitura pode permitir ao sujeito adquirir um trabalho que exija menos esforço e mais domínio em certa área do conhecimento.

A5 – “Fundamental pra ter melhor trabalho e condições de vida”.

Um bom trabalho seria aquele em que eles ganhassem um melhor salário, ambiente de trabalho melhor e um trabalho melhor. Nessa perspectiva desejam adquirir uma melhor condição de vida.

A9 - “Fica bem visto num emprego melhor”.

Percebemos que esse aluno não vê reconhecimento em sua profissão, mostrando que outras profissões que exigem mais qualificação e conhecimento é melhor vista pela sociedade. Sabemos que toda profissão é importante, assim como o médico é para a saúde os operários da construção civil são para a construção dos lares, ressaltando que a vida é muito mais importante, mas o que destaca-se aqui é que cada profissão é importante para o seu ramo.

A12 – “Sem leitura não se tem qualidade nas profissões, aliás em profissão nenhuma”.

Em todas as funções é necessário que o indivíduo conheça bem sua profissão, pra isso ele precisa saber da teoria para desenvolver bem a prática, e a leitura prescinde esse saber que facilita pro homem desempenhar bem suas atividades.

A14 – “Pra saber ler os avisos contra os acidente de trabalho ganhar emprego melhor”.

Em todo o contexto de mundo a leitura se faz presente, e nos locais de trabalho não é diferente, no trabalho desses alunos a leitura se direciona no sentido alertar o funcionário contra acidentes, por isso ele deve saber ler para não correr esse risco. O aluno-operário percebe também que se pode conseguir um melhor trabalho a partir de continuados estudos.

A16 – “A leitura ajuda dependendo do estudo se você for mais avançado tem mais oportunidade”.

Quem estuda mais consegue um melhor emprego, isso é fato, tem mais opções de trabalho, mas pra isso faz-se necessário que a busca seja constante o que permitirá que essas oportunidades surjam.

A18 – “Porque muitos trabalhos pedem leitura e se não souber ler fica de fora”.

Ao mesmo tempo em que a leitura proporciona conhecimento e inserção das pessoas seja na sociedade, no trabalho, na universidade, sua ausência pode excluir o indivíduo desses segmentos.

Diante dos relatos do público-alvo dessa pesquisa podemos verificar que as práticas de leitura já se tornaram hábito de muitos trabalhadores mesmo em meio as

dificuldades enfrentadas em seu dia-a-dia eles reconhecem a importância da leitura para o trabalho e para a vida, vendo que essa facilita o desempenho das atividades. Eles percebem que a leitura é o passo inicial para a conquista de muitos objetivos na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se, pela história, que o simples fato de ser letrado não viabiliza a construção e manutenção de sociedades democráticas. Concordamos que saber ler e escrever se constituem em uma das condições necessárias. A par desta, outros marcos como as políticas públicas educacionais e econômicas são necessárias para que uma vida digna possa ser usufruída em sociedades mais justas.

Diante da realidade dos alunos-operários obtivemos um retorno satisfatório no que tange as práticas de leitura realizadas por eles que percebem nela um meio para se obter melhores oportunidades. Apesar das adversidades que os aflige e dificuldades pra ler eles estão fazendo dessa prática uma constante em suas vidas o que será proporcionado com o tempo o domínio da lecto-escrita. A leitura dota o homem de conhecimento ao mesmo tempo em que o liberta tornando-o independente para construir um futuro de melhores dias. Esses alunos-operários tem o direito de conhecer sua realidade e saber interpretar as situações por eles vivida, com o objetivo de também poder contribuir para essa sociedade.

Apesar de perceptível a valorização da leitura pela maioria dos participantes, apenas palavras de apoio, oferta de suportes à prática de leitura não são suficientes para a construção de hábitos de leitura e para a diminuição das atitudes negativas acerca da leitura.

Nesse contexto o programa alfabetiza o aluno que muitas vezes não sabe ao menos escrever seu nome e com o decorrer da aprendizagem esse aluno vai evoluindo mostrando bons avanços escrevendo o seu nome e já reconhecendo as leituras encontradas no dia-a-dia como placas, faixas, ônibus dentre outras.

Logo, todos nós temos uma grande responsabilidade social diante dos sujeitos com quem atuamos. Nós mesmos muitas vezes não tivemos nosso direito respeitado, não nos tornamos leitores, temos medo de escrever, deixamos de ler, não gostamos que leiam o que escrevemos. Trata-se de propiciar a todos – inclusive a nós,

também, oportunidades de ler, escrever, voltar a ler ou perder a vergonha de escrever.

Recomendamos ao Programa Escola Zé Peão que periodicamente reúnam alunos e professores para falarem de suas relações com a leitura, suas experiências, que contem suas trajetórias, se gostam ou não de ler e porquê; criem rodas, círculos, grupos de leitura; incentivem e construam práticas de leitura para o despertar nos alunos-operários.

Nessa perspectiva, a Biblioteca Volante do Projeto Escola Zé Peão poderá atuar na construção de práticas culturais e educacionais, fortalecendo a formação de cidadãos leitores. É, portanto, “como serviço de informação, [que] insere-se no âmbito dos recursos pedagógicos, ou melhor, constitui-se como laboratório, por excelência, da práxis educativa [e informacional]” (NEVES, 2000, p.218). É “um conjunto de discursos [...] milhares de aulas impressas, das quais os alunos aproximam-se sem imposições e bloqueios [...] é mais do que livros, é informação” (MILANESI, 1988, p.49). Servindo como ambiente de aprendizagem, apoiando o desenvolvimento do programa escolar, estendendo os serviços e produtos informacionais a um determinado local e clientela que, geralmente, não teria acesso a uma biblioteca.

É necessário antes de tudo despertar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Miriam de Albuquerque. **Leitura e Produção: desvelando e (re) construindo texto**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000. p. 38.

ALBUQUERQUE, E. M. “**Semeando leitura e colhendo leitores**”: O Projeto Biblioteca Livro em Roda Disseminando Informação junto aos Alunos do Ensino Fundamental. 2007. 65f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

AMORIN, G. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2008.

BAPTISTA, S. G; CUNHA, M. B. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 168-184, maio/ago. 2007.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e Leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BRITTO, L. P. L. Leitura e política. **Revista Leitura: teoria & prática**, n.33, jan. 1999.

CHARTIER, R. **Práticas da Leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHRISTIANS, C. G. A ética e a política na pesquisa qualitativa. IN: Denzin, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CORRÊA, M. L. G. Práticas de leitura e escrita: breve nota sobre a relação entre o verbal e o não verbal. **Contrapontos**, v.6, n. 2, p. 293-302. 2006.

FOUCAMBERT, J. **A Leitura em Questão**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

FREIRE, Bernadina Maria Juvenal. Paixão de (in) formar: práticas alfabetizadoras no Projeto tijolo sobre tijolo. Projeto Escola Zé Peão em canteiros de obras. 1999. 298f. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João pessoa, 1999.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em 3 artigos que se completam.** 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GERALDI, J. W. Prática da leitura de textos na escola. **Leitura: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 25-33, 1984.

IRELAND, T. D. Escola Zé Peão: uma prática educativa com operários da construção em João Pessoa. **Alfabetização e Cidadania**, n. 4, p.38, 1996.

KLEIMAN, Â. B. (Org.). **Os significados do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 2004.

MARTINS, M. H. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARTINS, Wilson. As bibliotecas na Antiguidade e na Idade Média. In: MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita: História do livro, da imprensa e da biblioteca.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. p. 71-72-74.

MILANESI, L. **O que é Biblioteca.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

NEVES, I. C. B. Ler e escrever na biblioteca. In: NEVES, I. C. B. [et. al] (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** 3.ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

OLIVEIRA, M. K. de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimentos e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 12, p. 59-73, Set/Out/Nov/Dez. 1999.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

ROCCO, M. T. F. **Literatura / Ensino: uma Problemática.** 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, D. H.; SILVA, A. K. A. da. Biblioteca Itinerante “Livro em Roda” : a leitura como um exercício da cidadania rumo à Sociedade Aprendiz. **Biblionline**, João Pessoa, v. 1, n. 2, 2005.

SILVA, E. T. da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, M. F. da. **Práticas de Incentivo a Leitura na Escola**: o papel da biblioteca. 2008. 57f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SMITH. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VÓVIO, C. L. **Jovens na alfabetização**: para além das palavras, decifrar mundos. Brasília: Ministério da Educação/Ação Educativa, 2007.

ZILBERMAN, R. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO GERAL DO ENTREVISTADO**COMO ADQUIRE INFORMAÇÕES**

- () Jornal Impresso
- () Jornal Televisivo
- () Internet
- () Revistas
- () outros

POSSO AFIRMAR QUE EU

1 Possuo livros em casa? Quantos?

- () nenhum
- () de 01 a 10 livros
- () de 11 a 20 livros
- () de 21 a 50 livros
- () acima de 50 livros

2 Leio com que frequência?

- () todos os dias
- () uma vez por semana
- () raramente
- () nunca

3 Compro livros de leitura em geral?

- () sim
- () não

4 Prefiro ler em:

- casa
- empresa
- sala de aula
- rua
- em nenhum local

05 O que você mais gosta de ler?

- romance
- contos
- poesia
- política
- esporte
- outros _____

6 A empresa exige algum tipo de leitura?

- memorandos
- avisos
- circulares
- normas técnicas
- manuais de máquinas

7 Frequenta bibliotecas em sua cidade?

- raramente
- ocasionalmente
- frequentemente
- nunca

ANEXO B – Importância da Leitura

Por que acha que a leitura lhe ajuda na escola e no trabalho?

O que a leitura lhe traz?

Porque é importante saber ler?